

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
6.º ANNO	
Braga, 12 mezes.	1\$600
» 6 »	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Annuncios cada linha.	20
Repetição	10

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 814

BRAGA—TERÇA-FEIRA 23 DE
JULHO DE 1878

Carta de S. Santidade o Papa Leão
XIII ao senhor cardinal Mon-
sieur la Valletta vigário geral em
Roma.

Senhor cardeal,

No meio dos numerosos motivos d'a-
legria e de conforto que desde o principio
do nosso Pontificado tivemos, nos ine-
quívocos testemunhos de reverencia e de
affecto que nos chegaram de todas as
partes do mundo, não nos faltaram gra-
ves amarguras pelas condições geraes
da Igreja, sujeita quasi por toda a parte a
uma cruel perseguição, e pelo que viamos
succeder n'esta mesma cidade de Roma, cen-
tro do catholicismo e Séde augusta do Vi-
gario de Christo. Aqui, uma imprensa sem
freio, jornaes apostados continuamente a
combater a fé com o sophisma e com o
motejo, a impugnar os sagrados direitos
da Igreja, e a abater a sua auctoridade;
alli, templos de protestantes levantados com
o oiro das sociedades biblicas nas ruas
mais frequentadas, como um insulto á
nossa fé; além, escolas, asylos e hospícios
abertos á incauta juventude, com a appa-
rencia philanthropica de auxiliar a na cul-
tura da intelligencia e nas suas neces-
sidades materiaes, mas com o verdadeiro
fim de formar uma geração inimiga da
Religião e da Igreja de Christo. E como
se tudo isso fosse pouco; appareceu, não
ha muito, um decreto, obra d'aquelles
que por dever do seu cargo são obrigados
a promover os verdadeiros interesses do
povo romano, que bane das escolas muni-
cipaes o cathecismo catholico. Medida re-
provavel, que vem tirar mais este dique á
herezia e á incredulidade que irrompe de
toda a parte, e que deixa aberto o caminho a
um novo genero de invasão estrangeira,
mais funesto e perigoso que o antigo, por-
que mais directamente tende a arrebatrar dos
corações dos romanos o precioso thesouro
da fé, e dos fructos que d'ella derivam.

Este novo attentado contra a Religião e
piedade do Nosso povo enche-nos o coração
de viva e pungente tristeza, e Nos obriga a
escrever a presente carta sobre o dolo-
roso argumento a Vós, Sr. Cardeal, que
fazeis as Nossas vezes no governo espiri-
tual de Roma, para queixar-Nos altamen-
te diante de Deus e dos homens.

E desde já, em virtude do Nosso pas-
toral ministerio, devemos recordar a todos
os catholicos o gravissimo dever que por
lei natural e divina lhes incumbe d'instruir
a sua prole nas verdades sobrenaturaes da
fé, e a obrigação que pesa sobre aquelles
que tem nas mãos o governo d'uma cidade
catholica de facilitar e promover o cum-
primento d'esse dever. E em quanto, em no-
me da Religião levantamos a nossa voz em
defeza dos seus mais sagrados direitos,
queremos outrossim que se conheça quan-
to esta imprevidente deliberação é contraria
ao verdadeiro bem da propria sociedade.

Certamente não se poderia imaginar
qual pretexto tenha podido aconselhar
uma tal medida, a não ser talvez aquella
irracional e pernicioso indiferença em
materia de religião, na qual hoje se pre-
tenderia que se formassem os povos. Até
agora a razão e o mesmo bom senso na-
tural ensinaram aos homens a pôr de par-
te e fóra d'uso aquillo que em pratica
não tivesse dado bons resultados, ou por
mudança de condições se tivesse tornado
inutil. Mas quem poderá afirmar que o
ensino do cathecismo não tenha produzi-
do um grande bem? Não foi o ensi-
no religioso que renovou o mundo, que
santificou e suavizou entre os homens as

suas reciprocas relações, que tornou mais
delicado o senso moral, e formou aquella
consciencia christã, que reprime moral-
mente os excessos, condemna as injusti-
ças, e eleva os povos fleis acima de to-
dos os outros? Dir-se-ha talvez que as
condições sociaes da era que corre o tor-
naram inutil e nocivo? Mas a salvação
e prosperidade dos povos não tem segun-
da tutela fóra da verdade e da justiça,
das quaes a presente sociedade sente tão
vivamente a necessidade, e cujos sagrados
direitos só o cathecismo catholico conserva
plenamente intactos. Por amor pois d'a-
quelles fructos preciosos que já se col-
heram e justamente se esperam colher
d'aquelle ensino, em lugar de banir-o das
escolas publicas, n'ellas se deveria pro-
mover-o a todo o custo.

E isto exige-o tambem a natureza da
infancia e a condição de todo especial em
que vivemos. Não se pôde de modo algum
renovar sobre o infante o juizo de Salomão,
e partil-o ao meio com um cörte
irracional e cruel entre a sua intelligencia
e a sua vontade: ao mesmo tempo
que se começa a cultivar a primeira, é
necessario encaminhar a segunda á acqui-
sição dos habitos virtuosos e do ultimo
fim. Quem na educação despreza a vonta-
de, concentrando todos os esforços na cul-
tura da intelligencia, faz da instrução uma
arma perversa na mão dos malvados. E' o
raciocinio que se une á malevolencia e
muitas vezes á força, a que não é pos-
sivel pôr algum remedio.

E' esta uma cousa tão evidente, que
reconhecem, ainda que contradizendo-se,
aquelles mesmos que desejam que se ex-
clua da escola o ensino religioso. Elles
não limitam os seus esforços só á in-
telligencia, mas os estendem tambem á
vontade, fazendo ensinar nas escolas uma
ethica que chamam civil e natural, e pro-
curando encaminhar a juventude á acqui-
sição das virtudes civicas e sociaes. Mas
uma semelhante moral não pôde guiar o
homem ao altissimo fim para o qual a
divina Bondade o destinou na visão
beatifica de Deus, nem mesmo tem força
bastante sobre o animo do infante para
educal-o na virtude e mantel-o firme no
bem, nem corresponde ás verdadeiras e
intimas necessidades do homem, que é
animal religioso do mesmo modo que é
animal social, e nenhum progresso de
sciencia poderá jámais arrancar-lhe do ani-
mo as raizes profundissimas da religião
e da fé. Porque é pois que para educar
na virtude os corações dos jovens não
se lança mão do cathecismo catholico, no
qual se encontra o modo mais perfeito e
a semente mais fecunda d'uma sã educa-
ção?

O ensino do cathecismo nobilita e
eleva o homem diante de si mesmo,
induzindo-o a respeitar-se e a respeitar
os outros em todas as occasiões. E' uma
grande desgraça que a maior parte d'aquel-
es, que sentenciavam o cathecismo a sahir das
escolas, tenham esquecido, ou não meditem
aquillo que no cathecismo aprenderam na
idade infantil. Se assim não fosse, ser-lhes-
hia facil comprehender que o ensinar ao me-
nino, que elle sabiu das mãos de Deus, fru-
cto do amor que Este livremente lhe con-
sagrou; que tudo quanto se vê é orde-
nado para elle, rei e senhor de toda a crea-
ção; que é tal a sua grandeza e o seu
valor que o Eterno Filho de Deus para
resgatal-o não duvidou tomar a sua car-
ne; que com o sangue do Homem Deus
foi banhada a sua fronte no baptismo;
que das carnes do divino Cordeiro se ali-
menta a sua vida espiritual; que o Espi-
rito Santo habitando n'elle como n'um
templo vivo lhe infunde vida e virtude

inteiramente divina; é o mesmo que dar-
lhe impulsos efficacissimos a guardar a qua-
lidade gloriosa de filho de Deus, e a hon-
ral-a com virtuoso comportamento. Com-
prehenderiam além d'isto que é licito es-
perar as maiores cousas d'um menino, que
na escola do cathecismo aprende que é des-
tinado a um fim altissimo na visão e no
amor de Deus; que é habituado a vigiar
continuamente sobre si mesmo, e confort-
ado com toda a especie d'auxilios para
sustentar a guerra que lhe fazem os
inimigos implacaveis; que é exercitado na
docilidade e sujeição, aprendendo a vene-
rar nos paes a imagem do Pae que está
nos céos, e no Principe a auctoridade
que vem de Deus e de Deus recebe a
razão de ser e a magestade; que é in-
clinado a respeitar nos irmãos a similhan-
ça divina que brilha sobre a sua fronte,
e a reconhecer debaixo das miseraveis ap-
parencias do pobre o mesmo Redemptor;
que é salvo a tempo das duvidas e das
incertezas, por beneficio do magisterio
catholico, o qual tem impressos os titulos
da infallibilidade e authenticidade na sua
divina origem, no facto prodigioso do seu
estabelecimento sobre a terra, na abun-
dancia dos fructos dulcissimos e salutaes
que produz. Finalmente comprehenderiam
que a moral catholica, munida do temor
do castigo e da esperanza certa d'altissi-
mos premios, não corre o risco d'aquella
ethica civil, que se pretenderia substituir
á religiosa; nem teriam nunca tomado a
funesta resolução de privar a presente ge-
ração de tantas e tão preciosas vantagens,
banindo das escolas o ensino do catheci-
mo.

(Continúa)

«A Italia»

Pelo Conego Alves Mendes.

E' um livro esplendido.

O auctor definiu-o mal, chamando-lhe
um *Elucidario*; a verdade da critica pô-
de vir fazer uma errata á modestia, que
é a verdade da virtude; e chamar antes
a esse livro uma *Luz*. Dupla luz, porque
demonstrou mais uma vez que a inspi-
ração do idealismo é infinitamente supe-
rior á do realismo desolador, e porque é
uma formosissima irradiação que parte das
fileiras do clero portuguez, falsamente ti-
do por um eunucho da litteratura, por um
ilota das letras e das artes, por um
inhabil que não sabe manejar uma pen-
na, e por um ente gothico para quem o
saber se resume na escolastica d'Aristo-
teles, galvanizada por S. Thomaz...

Não é a primeira luz que entre nós
jorra do altar n'estes ultimos tempos, nem
a primeira que se accende á alampada do
incomparavel ideal christão, mas funde-se
com as que a precederam n'um fagueiro
prenuncio de novos e flammantes clarões,
que partirão d'oravante do nosso clero, o
qual mais e mais se reabilita, e decu-
pla o horisonte dos seus conhecimentos,
para provar ao seculo que, se elle é sol,
tambem o padre sabe ser raio, mas raio
que vivifica...

Era a reflexão que faziamos ao per-
correr as douradas paginas da *Italia*.
Sem conta são as obras que sobre aquel-
le sublunar firmamento do bello se tem
escripto, ainda simplesmente d'este Dupaty
até Castelar e Theophilo Gautier: não
obstante, a *Italia* do sr. Conego Alves
Mendes não as repete, tem uma entida-
de propria, um colorido, uma forma, um
reverboreo que a faz resaltar da plana dos
livros que o assumpto e o estylo con-
fundem sob a mesma superficie uniforme,

e a eleva ao glorioso isolamento dos la-
vores distinctissimos.

A indole intellectual do auctor da *Ita-
lia* é profundamente esthetica, innegavel-
mente plastica; um astro como a patria
de Raphael, e Leonardo da Vinci refra-
ctando-se atravez d'aquelle prisma tão pa-
ra elle adequado, não podia deixar de
nos seduzir com o completo espectro so-
lar de uma luz suavissima, variegada, e
primorosamente esbatida.

A opulenta erudição ethnographica e
historica, o fino senso critico, e as lou-
canias do estylo, este verbo da linguagem
humana, são como outros tantos hom-
bros vigorosos que se adunam para con-
duzir mais uma vez ao repositório da apo-
theose essa unica Italia, em cujo ceo os
pinceis se impregnam de luz, em cujo só-
lo os cinzeis se tornam de ouro, e ao so-
pro inspirador da qual a penna do es-
criptor vóa aos arbores do sublime.

O auctor estadeia-nos á vista a Italia
que não passa e a que não passou ainda;
a que Deus fez, e a que o tempo tem
porora deixado de pé; quando, porém,
é necessario fazer reviver a d'outra ora,
evoca-a do pó das ruinas, e do ossuario
da historia.

Não trepida ante o ardimento do seu
plano; interroga as lapides e respondem-
lhe; entranha-se pelo hypogeo dos povos
sotopostos na morte, e fal-os reappare-
cer, revestidos a caracter, no acto, e na
scena precisa do grande drama social; fe-
re o marmore dos monumentos meio der-
rocados, com a vara de intelligente
archeologo, e dos monumentos irrompe
caudal a luz reveladora do seu genesis e
da sua significação na arte e na historia.

As descrições topographicas são em
geral exactissimas, como o posso affirmar
por experiencia, mas o paisagista soube
dar-lhes um relêvo encantador, e a Italia
com as suas allombras, com os seus lagos
de esmeralda, com os seus panoramas
desbalizados e soberbos, com as suas ser-
pentes de limpidissima agua, com as suas
planicies bojadas de espessos tufos de ar-
voredo, com o seu leque sempre aberto e
desenhado de myriades de flôres, com as
suas montanhas, e abysmos, e golphos, e
crateras, e aspecto, e viço, e vida, e
amor, foi para o auctor do *Elucidario* um
immenso teclado que accordou, sob seus
dedos de artista, em brilhante rythmo re-
passado d'aquellas mysteriosas melodias
que nos segredam as immortaes phrases
musicas de Bethoven ou Meyerbeer.

Poucos dos sumptuosos monumentos da
Italia escapam á sua penna; a technologia
architectonica é sempre rigorosa, a obser-
vação minudente é geralmente verdadeira,
por tal arte que eu que vi o Vaticano,
S. Pedro, Santo Ambrosio de Milão, o
palacio dos Doges, Santo Antonio de Pa-
dua, o museu Pitti, S. Januario de Na-
poles, etc., revendo agora, atravez do
cosmorama graphico do *Elucidario*, essa
Italia de marmore e de genio, posso di-
zer com a consciencia de Miguel Ange-
lo, e com mais ousadia que Alves Men-
des—*Ecco-la*, eil-a alli está.

E' outrossim o livro um livro de esty-
lo. O estylo está ás ordens do auctor; não
ha negal-o. Quando uma das glorias na-
turaes ou artisticas da Italia fere a cen-
telha do seu pensamento, desce esta em
toda a sua encandescencia ao talisman da
penna, inundando de luz o que jaz na
penumbra para a observação do torista
vulgar. Uma vez elevada a mente a uma
ideia esthetica, a forma ou o estylo tra-
duz-a com o alto relêvo dos artesões me-
dievaes, soletra-a por assim dizer letra por
letra, desdobra-a, prolonga-a, mallê-a,
encara-a sob todas as faces, destaca-lhe

todos os cambiantes, illumina-a com todo o iris das multiplas bellezas que ella reveste, rompe-lhe todos os seios, e o leitor encontra enlevos onde o viajante muitas vezes só encontra o vacuo, que o seu olhar vibrado para o bello povoa de uma admiração convencional.

Leia o leitor esse livro, e diga-me depois se ha aqui o minimo vislumbre de hyperbole, e se nas paginas da *Italia*, escriptas com um raio de sol, se nos não depa-ram magnificencias que lembram a Ello-ra indiana, e mimos que entremostam dentiformes rendilhados de Alhambra. Mas ha mais e muito mais do que isso: ha o ideal; o sentimento christão a regumar por toda a parte, e a rasar, porque assim o diga, até á borda cada uma das paginas do livro.

A *Italia* é bella, porque é bello o christianismo; bella, porque quando se tem o infinito n'alma, e no coração o vao mysterioso dos perfumes, e das harmonias christãs, não é muito difficil ser-se bello, sobretudo quando na intelligencia arde o fogo sagrado do talento.

Eis o que eu sei escrever com a convicção, alheio aos ignobis impulsos da lisonja.

O meu presupposto é um unico: affirmar o merito de um bom livro, e contrastar este elogio meritissimo á granhada restrugidora de apostados e nescios encomios que uma critica realista prostitue a uma litteratura tão realista como ella.

Não é, contudo, que não vejamos alguns pequenos senões na *Italia* do sr. Conego Alves Mendes. Por vezes, bem que raras, o enthusiasmo e o encarecimento descriptivos accusam a situação do escriptor que mais escuta a imaginação que a realidade; que mais escreve pelo que leu do que pelo que viu, ou que dá uma fórma nova á impressão por outros sentida em logar de traduzir as suas proprias impressões pessoases.

Um dos titulos que mais lhe acareia a nossa lisonjeira apreciação foi precisamente o de saber fallar como fallou, e do que em parte, ao menos, não observou com os seus proprios olhos, mas aqui o merito é acompanhado do defeito, que ás vezes lhe corresponde, como a luz origina a sombra ao passo que é a negação d'ella.

Nas analyses plasticas, sobretudo da pintura, o auctor parece ficar plenamente satisfeito se o quadro christão que contempla realisar a perfeição helenica das fórmas physiologicas, embora a expressão do objecto representado destoe do caracter do ideal evangelico. Haja vista a *Madona della seddia* de Raphael, que o transporta até ao alheamento, e que tambem me transportou a mim que a vi no original raphaelico, não porém a ponto de me vedar de reconhecer n'ella a Fornarina do incomparavel pintor, a Venus do christianismo, em cujos olhos móra a seducção incitadora da hetera grega ou do mais correcto typo de Urbino contemplado atravez das gothicas gelosias de 1500, mas não a Virgem recatada e ultra-angelica de Nazareth. Veuillot e Viardot, cujos principios são em geral tão antinomicos, aham n'este ponto pelo mesmo senso critico.

A Venus de Medicis, desespero da escultura moderna, e suprema execução da esthetica pagã, arrebatou o auctor da *Italia* quasi até «um mysterioso culto». Perdão: que culto?... A frase aqui seria anacreontica, senão fosse, como entendo, uma simples locução poetica, com cujo sentido se não ha de discutir de mais. Aquelle corpo feminino da *perola* da *Tribuna* de Pitti, apenas velado por mão mais indiscreta do que discreta, e onde o ideal da natureza se abraça com a arte quasi até á identidade, não pôde fixar-se por muito tempo no silencio completo das paixões.

Não ha «magestade» na sua attitude, ha graça quanta se queira; não ha a Vestal «senhora de todos os pensamentos e de todas as paixões», ha Venus, a deusa do prazer, a filha da espuma do mar, tão férvida como ella sob a simulação calculada do pudor. Se ao conspecto de um tão acabado exemplar do bello, a pupilla se dilata, e o sentimento da admiração plastica se pronuncia, esse bello tem um ecco ainda mais pronunciado nos baixos fundos do coração humano, e perante a por demais seductora Venus de Medicis não é possivel que «se chumbem os pés» a um christão, e ainda menos a um sacerdote. Sou talvez severo demasiadamente á força de querer mostrar-me imparcial, e quasi me arrependo de escalpelizar, como se fôra uma proposição philosophica, um periodo em

que o auctor, fazendo-se ao alto mar da critica esthetica, estava muito longe das minhas pobres reflexões de costagem.

Que são, porém, estes e outros raros escuros defrontados com os inesgotaveis esplendores do conjuncto? Algumas folhas ressequidas n'uma imponente floresta, a sombra calculada do quadro, as negligencias da natureza disfarçando a sua surprehendente harmonia, que jorra dos espaços infindos do firmamento e do calix microscopico de uma flor montesina.

Não se chama a isto um juizo critico. Não tenho tido, nem tenho tempo algum para fazel-o, absorvido por verdadeiros trabalhos de empreitada. Mas não pude furtar-me ao prazer de lançar ao papel, embora a todo correr, essas linhas que para ali ficam, á conta de sincero, encendrado, e izento preito rendido ao auctor da *Italia*. Lembre-se, porém, o collega e o amigo de que o seu apromissimo labor nos iscou para apetercermos mais biscato e nos transmittiu um direito de que não cedemos, como genuinos aventureiros, sem coração, da verdade e do verdadeiro bello.

Collegio de Margaride.

Padre Senna Freitas.

CORRESPONDENCIA

Lisboa, 16 de julho de 1878.

E' assim que a hypocrisia açula fraternalmente os liberaes contra os miguelistas enquanto protegem os animaes!

E' assim que elles querem fazer esquecer as discussões politicas que alevantaram e que a boa politica e a caridade manda apagar.

E' assim que depois d'um esquecimento, quasi completo, que o liberalismo infame, o liberalismo hypocrita, o liberalismo atheu, veio depois de quarenta annos fazer reviver antigos odios.

Pois não ganharão com isso. Festeja-se o dia 8 de julho, desembarque da expedição de D. Pedro, dos 7:500 bravos, das quarenta linguas de Babel.

Metade d'esses bravos eram vagabundos engajados nos paizes estrangeiros para vir matar portuguezes, e a outra metade portuguezes em grande parte forçados, uns recrutados á força nas ilhas, outros prisioneiros encorçados.

E quereis melhor prova d'isto? No primeiro dia do desembarque começou a deserção nas tropas de D. Pedro, e dentro em poucos dias eram já tantos os desertores que se começou com os filhos das ilhas a formar o *leal batalhão aporiano*.

Dos mais desertores reuniam aos seus antigos corpos, ou eram mandados para suas casas com licença ou baixa, segundo os seus desejos.

E a não ser o armamento forçado no Porto e suas immedições, e o recrutamento estrangeiro, não seria possivel preencher as baixas das deserções, porque as passagens do campo de D. Miguel eram rarissimas, e só um anno depois é que se tornaram notaveis, depois da entrega da esquadra e da capital.

E ainda assim o exercito miguelista recrutando no paiz, e armando-se com os recursos fracos de que dispunha depois da perda dos arsenaes, era tão respeitavel, que foi preciso uma colligação de quatro potencias, e a invasão por terra e mar para pôr termo á lucta.

Vergonha!

O dia 24 de julho é tambem memoravel pela pilhagem, assassinatos, e mais gentilezas que praticaram os assassinos e ladrões que esses bravos soltaram do Limoeiro e prisões dos forçados das galés para aclamarem a liberdade.

Se os invasores soltassem sómente os prezos politicos, isso era logico, mas esses eram poucos em proporção dos muitos facinoras, que n'aquella hora quizeram ser liberaes, e na verdade estes como mais valentes não se podiam escusar em occasião tão critica de pagar com gratidão aos seus libertadores.

Este triunfo esquecido por muitos annos, foi renovado em commemoração solemne, e com furiosa teima, e tem-se tornado uma especulação dos festeiros, e uma exploração aos tolos, que tem medo ou que adoram os intrujões que lhes contam lóas da liberdade d'este dia, que foi realmente dia livre para o punhal, bacarmarte, roubo e incendio. Era melhor estar

calado, do que recordar tão glorioso dia, porque a mesma gloria politica e militar é filha da cobarde traição.

E custa a acreditar que certos choringas liberaes, que com palavras evangelicas em conversas particulares dizem querer a paz dos portuguezes, sejam em publico os maiores apostolos d'esta infamia, que se diz—*festejos de 24 de julho*.

Detestaveis creaturas estas que hypocritamente querem passar por homens cordatos e de bom senso, e que em occasiões taes sejam os mais activos açuladores dos cães de fila contra os vencidos por traições, que pagam grossas sommas para estes e outros, foragidas de 1828, por suas boas e reconhecidas obras.

Ah, que esta gente quer represalias, esta gente quer que se lembre a associação d'onde saíram os assassinos dos lentes, do padre Raymundo, e de tantos outros que a historia conta em suas paginas. Pois bem: hade haver tempo para tudo. Contem com os nossos apontamentos.

E prepara-vos, hypocritas, que haveis de ouvir de vós, o que muitas pessoas ignoram, e ficareis desmascarados, e que sirva de aviso áquelles que acreditam que a amizade a qualquer animal é o mesmo que a fraternidade entre irmãos.

Está provado que sois incapazes de dar o abraço fraternal e de esquecimento nos nossos irmãos pela patria e pela liberdade verdadeira, porque vós não sois liberaes, sois uns tyrannos, e quereis enriquecer-vos com os rendosos e pingues logares, á custa da nação, que tem entre si os miguelistas *párias*.

Enchei as praças de bonecos, armae coretos permanentes para as vossas festas, choringas sobre o ataude do imperador, gritae sempre contra as atrocidades dos miguelistas, que outros vos farão a reconvenção destruindo as vossas mentiras, e oppondo ás vossas verdades, que as tentes tambem, as nossas verdades em tal conta, que a balança chegará ao chão do nosso lado.

E quereis depois ver a cara dos choringas do estado, como vimos em 1846 na camara dos pares o patriarcha de Lisboa votar a lei dos fusilamentos para acabar com a revolução do Minho, e depois dizer com cara de piedade—as *razões do estado me obrigam a isto*.

Ah, razões do estado!

Estas razões d'estado, que são tão velhas como o crime, acabam quasi sempre por outras razões que a Providencia apresenta para castigo de tão grandes criminosos.

Em 1857 o patriarcha fugiu de Lisboa por causa da epidemia da febre amarella, o povo clamou, o patriarcha recolheu, e atravessando de S. Vicente para o Paço, foi tratado com poucas attentões na sua passagem.

E depois? Morreu de desgostos.

Veremos o que Deus destina para outros. A hypocrisia é quasi sempre castigada.

Thucydides.

CODIGO ADMINISTRATIVO

TITULO VI

Das camaras municipaes

[Continuação]

CAPITULO III

Da fazenda municipal

SECÇÃO III

Do orçamento municipal

Art. 129.º E' applicavel aos orçamentos municipaes o que fica disposto nos artigos 62.º, 63.º, 64.º e 68.º

Art. 130.º O orçamento ordinario será proposto á camara pelo presidente, discutido e approved pelos vereadores, exposto ao publico por dez dias e remetido á junta geral do districto até ao 1.º de novembro de cada anno.

Art. 131.º A junta geral do districto pôde rejeitar ou reduzir as despesas propostas nos orçamentos, mas não pôde introduzir verbas de despeza nem augmentar as propostas, senão quando essas despesas forem obrigatorias.

Art. 132.º Quando, em virtude do artigo antecedente, o orçamento municipal fôr alterado, e a sua receita ficar insufficiente para occorrer ás despesas obligatorias, será o orçamento devolvido á camara,

para que vote a receita necessaria.

Art. 133.º Se a camara não votar a receita precisa, no praso que lhe fôr marcado pela junta geral, cumpre a esta supprir a omissão da camara, podendo tambem reduzir a despeza, se assim lhe parecer mais conveniente para equilibrar o orçamento.

SECÇÃO IV

Da contabilidade municipal

Art. 134.º E' applicavel á contabilidade municipal o que fica disposto nos artigos 69.º, 70.º e 73.º

Art. 135.º Ao presidente da camara compete ordenar todos os pagamentos; os mandados serão subscriptos pelo escrivão da camara e deverão especificar:

1.º O exercicio a que pertence a despeza a pagar;

2.º A verba do respectivo orçamento que a auctorisa.

Art. 136.º Recusando o presidente da camara ordenar o pagamento de despesas regularmente auctorisadas e liquidadas, a commissão districtal tem direito de as ordenar.

§ 1.º A ordem da commissão terá os mesmos effeitos que teria o mandado do presidente, e o thesoureiro do concelho é obrigado a satisfazel-a, sob sua responsabilidade pelos seus bens e pelo seu fiador.

§ 2.º A ordem da commissão terá força executiva.

Art. 137.º O presidente da camara não deve, sob sua responsabilidade, ordenar o pagamento de nenhuma despeza sem que lhe sejam presentes os documentos que a comprovem.

Art. 138.º Dentro do praso de sessenta dias, findo o exercicio, apresentará o presidente da camara a conta do mesmo exercicio, descrevendo em columnas separadas a receita cobrada e a despeza feita, com a mesma numeração e dizeres que cada verba tiver no orçamento.

Art. 139.º A conta deve especificar, pelo que diz respeito á receita:

1.º A natureza dos rendimentos;

2.º A importancia em que no orçamento foram calculados;

3.º A somma cobrada durante o respectivo anno;

4.º A somma não cobrada que fica como divida activa.

E pelo que diz respeito á despeza:

1.º A natureza das despesas;

2.º A importancia das verbas votadas;

3.º A importancia dos pagamentos ordenados e pagos durante o exercicio;

4.º As sommas em divida;

5.º Os saldos que devem passar para a gerencia seguinte.

Art. 140.º A conta mencionada nos dois artigos antecedentes deve ser acompanhada dos documentos e explicações necessarias.

Art. 141.º A camara deliberará sobre a conta apresentada pelo presidente, e organizará a da gerencia municipal durante o exercicio.

§ 1.º O presidente deixará a presidencia nas sessões em que der conta da sua gerencia;

§ 2.º O presidente pôde assistir ás ditas sessões, para prestar esclarecimentos, mas não estará presente no acto da votação.

Art. 142.º As contas da camara, organisadas tambem nos termos do artigo 138.º, serão apresentadas no governo civil do districto dentro do praso de tres mezes depois de findo o exercicio.

§ unico. Estas contas serão julgadas pelo conselho de districto ou pelo tribunal de contas, conforme a legislação em vigor.

Art. 143.º As contas municipaes estarão patentes durante dez dias na casa da camara, o que o presidente fará constar por meio de editaes.

Art. 144.º Todos os eleitores e proprietarios do concelho são partes legitimas para reclamar e recorrer perante os tribunales competentes a respeito das contas municipaes.

Art. 145.º Todos os vereadores, pelo facto de juramento e posse, assumem a responsabilidade solidaria pela gerencia dos dinheiros e fazenda do municipio.

§ unico. Os vereadores que não tomarem parte, nos termos d'este codigo, nas deliberações ou actos de que resultar a responsabilidade imposta no julgamento das contas, ou que, tendo tomado parte n'ellas, as assignarem vencidos, ou protestarem contra as mesmas deliberações em acto continuo, serão proporcionalmente

relevados da responsabilidade solidaria imposta á camara.

GAZETILHA

Festividade de N. Senhora do Carmo.—A festa a N. Senhora do Carmo foi este anno celebrada com todo o luzimento e esplendor dos anteriores. O templo estava decorado com desusada magnificencia. Como já se acham ultimados os frescos do tecto e lados, e a doiradura dos altares lateraes, sanefas e coro, e renovado o pavimento; os numerosos lumes e lustros produziam um effeito deslumbrante. A funcção d'egreja foi feita com a magestade propria. A capella dos snrs. Luiz Baptista e Esmerizes dessempehou-se optimamente. De manhã orou o revd.^o abade de Sabariz, o snr. Gaspar Victor de Sousa e Castro, que por longo espaço de tempo conservou o numero e selecto auditorio enlevado na sua palavra fluentissima e suave.

O snr. Sousa e Castro é realmente um orador muito distincto e faz honra á respeitavel classe a que pertence.

Pelas 6 horas da tarde, saiu a imponente procissão, inquestionavelmente a primeira desta cidade. Alem de grande numero d'anjinhos, mais de cem, vestidos com grande riqueza, levava dois coros—de virgens e da caridade, que d'espaço a espaço cantavam com acompanhamento d'instrumental. As alas eram formadas por numerosos irmãos do Carmo, comunidade de S. Caetano e corpo do clero com capas.

A meio do prestito ia o riquissimo andor de N. Senhora.

A frente da procissão tocava uma banda de musica, e no couce a banda regimental precedendo a guarda d'honra.

O juiz da irmandade, o exc.^{mo} snr. conde de Bertandos veio de Lisboa expressamente para assistir a esta pomposa festividade, e hontem mesmo de tarde regressou á capital.

Festa, e feira em Monsul.—No dia 23 festeja-se em Monsul, no lugar do Souto, a devota Imagem de Santa Luzia.

Ha nesse mesmo dia e lugar a feira que annualmente alli se faz, e que este anno deverá ser extraordinariamente concorrida, pela circumstancia de já estar aberta á circulação a estrada da Ponte do Porto a Lanhoso, e porisso os festeiros projectam tornar mais pomposa esta romaria.

Partida.—Partiu hontem para Paris, onde vae visitar a exposição universal, o nosso compatriota o snr. Abel José da Silva.

Carros da estrada de Chaves.—Pedimos a quem compete que providencie acerca do estado d'indecencia e insegurança em que se acham alguns dos carros que fazem carreira pela estrada de Chaves.

Um nosso amigo, que ha dias seguiu viagem n'um d'esses carros, ficou com o fato todo roto pelo paciente trabalho de dois enormes prégos, que entre muitos outros meios saídos lhe ficavam mais proximos.

Fallecimento.—Por 6 horas da tarde d'ante-hontem falleceu a snr.^a D. Monica Maria do Espirito Sancto, esposa do snr. Manoel João de Paiva e irmã dos snrs. Fonsecas. Começou a sentir-se incommodada na manhã d'aquelle dia, e poucas horas depois era cadaver.

Tem hoje pomposos officios funebres no templo dos Congregados e em seguida será levada para o cemiterio.

Ao desolado viuvo, e irmãos da familia os nossos pezaes.

Outro.—O snr. padre José Lopes de Oliveira Pogeira foi ha dias accommettido d'um insulto apopleptico, em Nine, e sendo conduzido para a sua casa, na freguezia de Cabanellas, concelho de Villa Verde, ali expirou 48 horas depois.

Era um sacerdote exemplarissimo, e nas missões, a que ha muitos annos se havia dedicado, prestou importantes serviços á religião.

Foi um dos ecclesiasticos que, por occasião do Centenario, foram a Roma na companhia do revd.^o snr. padre João Manoel Teixeira e do saudoso pai Martinho.

Os nossos pezaes á sua boa familia.

Festa de N. Senhora do Carmo, em Barcellos.—Não teve lugar no domingo, como para aquelle dia, por equivoço annunciaramos, a festividade a N.

Senhora do Carmo, na villa de Barcellos. Esta far-se-ha nos dias 27 e 28.

No proximo n.^o daremos o seu programma integral.

Assembleias eleitoraes.—Por um edital que a exc.^{ma} camara mandou publicar na «Opinião Publica», datado de 15 do corrente, vemos que o numero das assembleias eleitoraes,—que até agora era de 7—n'este concelho, foi elevado a 12.

Surprehendeu-nos que a séde da primeira assembleia, que era na casa da camara, fosse mudada para a Sé. Sempre foi costume fazer-se a eleição camararia n'aquella casa, e mesmo a dos deputados, antigamente e ainda depois, consoante auctorisara uma portaria do gabinete Saldanha.

Recommendamos aos revd.^{os} parochos o que sobre as eleições nos templos dissemos em o n.^o penultimo d'este jornal.

Eis a designação das sédes das assembleias:

Sé—S. Vicente—S. Victor—Collegio—Bom Jesus—Crespos—S. Pedro de Merelim—S. Francisco—Sequeira—Tadim—Celleiros—Santo Estevão de Penso.

Jantar.—Querendo pagar fineza com fineza, o snr. João da Costa Lopes, a quem ha dias os seus amigos, os snrs. Abel José da Silva, Cypriano José Pereira da Silva, e José Pereira da Cunha offereceram um jantar de despedida,—de que demos noticia, convidou aquelles cavalheiros, e todas as pessoas que tinham assistido ao alludido jantar, para um outro, que lhes deu no sabbado, tambem no Bom Jesus do Monte.

O serviço foi profuso e delicado, e tudo correu com a maior satisfação.

Assistiram a este jantar 30 pessoas, incluindo cinco senhoras, uma das quaes offereceu ao snr. Lopes um rico bouquet, acompanhado d'uma poesia impressa em setim.

Como no jantar a que primeiro nos referimos, os commensaes deram para o santuario do Bom Jesus a esmola de seis mil e tantos reis.

O snr. João da Costa Lopes partiu hontem, no comboio das 2 horas, para o Porto, e d'ahi para Lisboa, onde embarcará para o Pará. Foi até Nine acompanhado por grande numero dos seus amigos.

Transferencia de festividade.—Em rasão de ser no proximo domingo a procissão do SS. em S. Lazaro, ficou transferida para os dias 3 e 4 do proximo agosto a festividade do Senhor da Boa Esperança, erecto no lugar do Beco, da freguezia de S. Pedro de Maximinos, que estava annunciada para aquelle dia.

Hospedes illustres.—Entre o crecido numero de visitantes que por occasião da festa de N. Senhora do Carmo estiveram n'esta cidade conta-se os exm.^{os} snrs. conde de Torres Novas, general da 3.^a divisão, e visconde de Lindoso, ambos com suas familias.

O primeiro d'estes cavalheiros, que se hospedou em casa do snr. visconde de Negrellos, foi esperado na gare pelo snr. coronel e restante officialidade, guarda d'honra e banda d'infanteria 8. S. ex.^a parte hoje para o Porto. Vão despedir-se á estação a mesma officialidade e a guarda d'honra.

Eleição de novas mezas.—No dia 16 procedeu-se, em conformidade do Estatuto, á eleição da nova Meza da R. Irmandade de Santa Cruz. Ficou eleito provedor o exm.^o snr. dr. João de Paiva Faria Leite Brandão, e secretario o snr. padre João Antonio Velloso. Ainda não está totalmente organizada a nova Meza, em razão de não terem acceitado alguns dos nomeados.

—Ante-hontem tiveram lugar as eleições das Mezas do SS. Sacramento da Sé e de S. João do Souto, as quaes tambem não estão compostas definitivamente, por não terem acceitado os juizes propostos.

Theatro.—Com a zarzuela *A Marselheza*, que já tinha ido á scena em a noite de sabbado, foi no domingo a despedida da companhia de zarzuela hespanhola.

Esta peça agradou, comquanto não chegasse a ter o acolhimento que n'outros theatros tem conseguido. Pelo visto, a nossa plateia não morre d'amores por este genero d'espectaculos. E se não fosse cá por cousas, davamos-lhe immensa razão. Effectivamente o theatro penle para a suprema decadencia.

Resposta a proposito.—O commandante de uma pequena esquadra ingleza enviou a seguinte proposta de ca-

pitulação ao governador de Goméra, uma das ilhas Canarias:

«Carlos Windam, pela graça de Deus, capitão commandante de tres naus de guerra, etc. etc., intima o governador de Goméra, que lhe entregue a sua cidade e os seus fortes; e não cumprindo vae destruil-os, reduzil-os a cinzas, enforca-lo a elle e passar a guarnição ao fio da espada.»

O official hespanhol commandante da força que guarnecia a ilha respondeu-lhe da seguinte maneira:

«Diogo Bueno, catholico romano, commandante d'esta ilha, beija as mãos ao snr. commandante, cavalleiro Windam, e responde ás suas proposições—que pela sua patria, pela sua lei e pelo seu rei perderá a vida. Assim, que o mais forte será victorioso. Deus vos guarde.»

Os inglezes retiraram-se em vista d'esta decisão.

Publicações recebidas.—Muito agradecemos a seguinte:

—O Inverso da Historia Contemporanea, por Honoré de Balzac—Tradução de Gomes de Sousa.

Balzac o grande mestre da litteratura, o romancista secular, accentuou o seu dedo de gigante na produção d'este bello livro.

Não se encontra aqui um romance de amores; este livro é uma pagina triste dos episodios revolucionarios que fizeram de Napoleão, o 1.^o Consul, Imperador e rei.

Balzac aproveitou o assumpto para dar um exemplo, que servisse de ensinamento á historia contemporanea, de quão reprehensivel se torna o exaltamento politico.

Descreve-nos o caracter implacavel do barão Bourlac, Promotor Geral da Justiça, no primeiro tribunal do Imperio, e que lisongeando os instinctos de Napoleão, e em nome das conveniencias do poder, se tornou um monstro no excessivo zelo de auctoridade. E, para contraste d'este deploravel erro politico e social apresenta-nos o mais sympathico vulto de mulher, *madame de La Chanterie*, a qual, depois de ver morrer sua filha no cadafalso, e tendo ella propria sido condemnada a 20 annos de prisão, recuperando afinal a liberdade com o regresso de Luiz XVIII ao throno, consagra o resto da vida á pratica da mais sublime das virtudes a «caridade» collocando-se á testa d'uma associação, que salvou milhares de familias da miseria; chegando até a fazer a felicidade de algumas, cujos membros haviam sido algos d'ella e dos seus correligionarios politicos.

Este genero de vingança, propria de anjos, constitue especialmente o assumpto do excellente livro de Balzac, que acaba de publicar a *Empresa Litteraria de Lisboa*, proporcionando amena e moralisadora leitura, ainda aos mais escrupulosos amadores da litteratura romantica.

Um grosso volume, nitidamente impresso em bom papel. Preço 500 reis.

A venda nas principaes livrarias e no escriptorio da *Empresa Litteraria de Lisboa*, rua Nova do Almada, 24, 2.^o andar.

O finado bispo d'Olinda.—Eis alguns traços da vida do finado bispo de Olinda, D. fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

Nascido em Pernambuco (Brazil), no dia 27 de setembro de 1844, entrou para o convento dos capuchinhos de Versalhes, a 15 d'agosto de 1863, e fez a sua profissão a 19 de outubro de 1864, voltou para o Brazil em 1864, e não tardou a fazer-se notar por seu zelo e por suas virtudes, e foi nomeado da idade de 27 annos bispo d'Olinda, vasta diocese de mais de 2 milhões de catholicos.

A sua elevação ao episcopado encontrou a sua Igreja invadida pela franc-maçoneria, e teve quasi immediatamente de lutar para a libertar do jugo. Animado muitas vezes pelo soberano Pontifice, nem se deixou atterrar pelas ameaças nem ganhar pelas promessas. A seita recorreu a seus meios tenebrosos, e por duas vezes tentaram envenenar-o. A Providencia vigiava por elle, e escapou milagrosamente a este perigo.

Mais tarde empregaram contra elle meios legais. Levado perante os Tribunaes, intimado para retirar as censuras que, em conformidade com o direito, elle tinha mandado fulminar contra certos personagens, recusou reconhecer a competencia de juizes civis, e, por unica defeza, citou as palavras do Evangelho: *Jesus autem tacebat.*

Foi condemnado a quatro annos de trabalhos forçados, mettido n'uma fortaleza e sujeito ao duro regimen da prisão. No entretanto o governo teve vergonha da sua violencia e, depois de vinte e dous mezes, o bispo d'Olinda foi posto em liberdade, a 20 de setembro de 1875.

Logo que estava livre embarcou se para Roma, onde chegou em novembro, e, depois de ter dado conta da sua conducta ao soberano Pontifice e obtido uma encyclica que recordava os verdadeiros principios e, por consequente, o justificava, voltou ao Brazil a 20 de setembro de 1876.

Foi recebido por os catholicos com um indissolvel entusiasmo e retomou a conducta da sua diocese, continuando com a maior prudencia a lucta que tinha emprehendido. Mas o governo brasileiro que tinha consentido em o amnistiar não quiz entrar em relação com elle e considerou-o como bispo. Recusaram-lhe todo o ordenado; os padres que elle nomeava para os diferentes lugares não recebiam nenhum recurso e a posição era quasi insustentavel. O filho de S. Francisco não recuava diante da pobreza, mas as almas soffriam e o coração do bispo foi tocado. Voltou á Europa para tractar d'este negocio directamente com a Santa Sé, prompto a fazer todos os sacrificios pelo bem da paz, todos, salvo aquelle de sua consciencia.

Sua saude profundamente prejudicada pelos envenenamentos e soffrimentos da prisão dava a seus amigos as mais vivas inquietações. A sua habitação em Roma tornou-se-lhe impossivel e mandaram-no para França para procurar curar-se. Desde o mez de março recebeu no convento dos Capuchinhos de Paris os mais respeitosos e sollicitos cuidados; mas não se dissimulava que os remedios não produziam grande effeito, e elle mesmo não se illudia sobre o seu estado. Finalmente uma nova recaída se declarou a 8 de junho e o mal faz então rapidos progressos, sem contudo fazer presagiar um fim tão proximo, e quando, a 3 de julho, depois do meio dia, elle pediu aos superiores os ultimos sacramentos, não se podiam resignar em acreditar na sua morte. Recebeu com a mais viva fé o sagrado Viatico e a extrema-unção, dizendo que perdoava de todo o seu coração a seus inimigos e que offercia a Deus, por seus diocesanos, o sacrificio de sua vida. Passou no recolhimento e na oração o dia 4, e á noite, pelas 11 horas, quasi sem agonia conservando os seus conhecimentos até ao fim, entregou a Deus sua alma fatigada da lucta, no meio das orações e das lagrimas de seus irmãos na religião.

Cabe-lhe bem a applicação das palavras que diz a S. Gregorio VII sobre seu leito de morte: *Dilexi justitiam et odii iniquitatem propterea moriar in exilio.* Morreu, pode dizer-se com verdade, martyr do seu dever episcopal.

Attentado criminoso.—Na «Palavra» de 20 lemos o seguinte:

O snr. padre Joé Gomes Pacheco, empregado no seminario diocesano, foi insultado, espancado, e ferido na tarde do dia 18 do corrente em Leça da Palmeira.

Costuma o snr. padre Pacheco ha muitos annos ir dizer missa todas as sextas-feiras e domingos á capella do snr. Ruas, em Leça.

Na tarde do dia 18 dirigiu-se para aquelle local no carro americano das 7 horas. Ia no mesmo carro um Fuão, antigo alumno do seminario episcopal, donde fôra expulso ha alguns annos por discolo e incorregivel.

Chegando a Mathosinhos o snr. padre Pacheco encaminhou-se para casa do snr. Ruas, e notou que era seguido pelo tal sujeito seu antigo subordinado. Ao chegar a um sitio ermo o faccinoroso cresceu para o reverendo ecclesiastico e lhe disse que estava chegada a occasião de justarem as contas pela sua expulsão do seminario.

E como o aggreddido lhe respondesse que nenhuma conta havia entre um e outro, o discolo ex-seminarista lhe arrumou logo uma tremenda bofetada e em seguida primeira e segunda cacetada, que deixou a escorrer sangue o respeitavel superior do seminario diocesano.

Este gritou e acorrendo gente, poderam-o conduzir a casa do snr. Ruas seguindo para outra banda o malvado.

A intenção d'este era visivelmente de assassinar o seu antigo mestre, do que foi livre por ter aparado os golpes com o braço e por haver acorrido gente em seu auxilio.

O snr. padre Pacheco está em casa do

sor. Ruas em tratamento; e do que soubermos a este respeito daremos ultteriores noticias.

Consta-nos que o sr. padre Pacheco nenhuma parte tomou na expulsão do seminario do depravado e mallogrado levita; mas quando a tivesse, este acontecimento é de consequências funestas para o offendido e para a sociedade.

Admittido o direito que esse miseravel se arrogou de attentar contra a existencia de um superior do estabelecimento publico, que frequentou. nenhum professor poderá castigar os seus alumnos incorregiveis, já pela expulsão, pela reprovação, ou por algum outro meio auctorizado pelas leis e regulamentos.

Accete esta theoria do alumno ajustar contas com o mestre, usando do cacetete, é melhor fechar os lyceus, os seminarios, as escolas e a universidade.

Este acontecimento reclama providencias energicas, que sem duvida serão tomadas, porque são de ordem publica. O scelerado é assás conhecido para que deixe de ser castigado.

Questão do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á questão do Oriente, são os que seguem:

Constantinopla 19—Todos os indícios fazem considerar como inevitavel a lucta com a Grecia.

Vão proxivamente ser enviadas novas tropas para a fronteira.

Londres 19—Lord Granville criticou o tractado, dizendo que foram desconhecidos os interesses da Gran-Bretanha e censurou a convenção secreta com o conde de Schouvaloff; não acredita na posse de Chypre, porque a defesa do canal de Suez provocará despesas superiores ás suas vantagens.

Lord Derby declarou que approva a parte do tractado que se refere á Europa, mas perguntou de que servirá Chypre que causará mais responsabilidade do que vantagens.

Salisbury respondeu que Derby não attendera bem á participação da Austria, pois que ainda que a Turquia fosse dividida em bocados a Russia não seria senhora do Bosphoro, mas a Inglaterra conservaria as Indias se se estabelecesse nas margens do Euphrates.

O almirante ordenou que 6 grandes couraçados e 3 mais pequenos vão para Chypre receber ordens do almirante Hay.

Dizem de Viena ao «Daily Telegraph», que não progredem as negociações entre a Austria e a Turquia.

Londres 19—Lord Beaconsfield e o Marquez de Salisbury foram recebidos no parlamento com aclamações, onde apresentaram o tractado do protocolo de Berlim e a convenção anglo-turca.

Lord Beaconsfield disse que desappareceram as ameaças da independencia da Europa aos interesses britannicos. Defendeu no congresso a politica dos delegados, e disse que a convenção não levanta nenhuma suspeita da parte da França, cujas relações com a Inglaterra são cada dia mais intimas. Mostrou as vantagens que do congresso resultaram para a Turquia, á qual elle restituiu provincias que poderá defender os Balkans sem conservar 50:000 homens na Bosnia. Repelliu a accusação de que participada partilha da Turquia, que perdera algumas provincias como todas as nações vencidas, mas que conserva ainda um territorio consideravel e 20 milhões de subditos. Todas as potencias reconheceram a necessidade da existencia da Turquia. O congresso fez o que foi possivel na gerencia. A Inglaterra não tem direito a queixar-se do congresso, pois que obtiveram consideraveis resultados sem guerra que esteve bem proxima. Relativamente a essa, lord Beaconsfield disse que era necessario attender ás victorias dos russos. Negou a importancia de Batoom como ponto fortificado. Explicou as causas e o fim da convenção anglo-turca, cujo tractado não toca na Syria nem no Egypto. A Inglaterra recusa todas as propostas susceptiveis contra a França. A occupação de Chypre é uma medida preventiva. Não acredita que a occupação seja continuada, nem que da intimidade da Turquia com a Inglaterra cause qualquer guerra, que não tememos, e que não seremos os provocadores.

Londres 19—O Marquez Hartington annunciou na camara dos deputados que brevemente proporá uma resolução com referencia ao tractado de Berlim e á convenção de Constantinopla.

Respondendo ao deputado Montagri, acerca dos tiros de espingarda disparados pelos russos nas proximidades de Gallipoli

contra uma chalupa ingleza, o ministro Smith disse que o generl Tottleben declarou que não tivera conhecimento do facto deplorando o incidente, e prometteu rigoroso inquerito.

Londres 20—Uma moção do Marquez Hartington lastimou que o congresso não tivesse satisfeito mais largamente as reclamações da Grecia e que o governo tomasse sobre a Inglaterra, sosinha, a responsabilidade de garantir o restante territorio turco, antes de haver consultado as camaras.

A discussão começará no dia 25 e durará alguns dias.

Despachos inglezes de Vienna dizem que Mehemet-Ali-Pacha esforça-se para retardar a occupação austriaca; apesar dos seus desejos não faria a susceptibilidade da Turquia e Austria.

A occupação de Bosnia e da Herzegovina realizar-se-ha antes do dia 28 do corrente.

Portuguezes fallecidos.—Desde 23 a 29 de junho, falleceram no Rio de Janeiro, os seguintes subditos portuguezes:

Manoel de Oliveira, 20 annos; Casimiro da Costa Guimarães, 42 a., solteiro; Maria Amalia da Fonseca, 25 a., s.; Isabel Maria de Pinho, 15 a.; Antonio dos Santos Serafim, 21 a., casado; Daniel da Cunha, 28 a., c.; Antonio Ferreira de Almeida, 38 a., c.; Manoel de Sousa Brazil, 10 a.; Albino Gonçalves Tanoiro, 47 a.; Florinda Luiza, 50 a., viuva; A. Lourenço Soares, 36 a., s.; José Pereira Guedes, s.; Antonio José Dias de Araujo, 50 a., s.; Custodio da Silva Ferreira Vianna, 62 a., v.; Francisco Martins Pamplona, 12 a.; Manoel Pereira de Carvalho, 25 a., s.; José Maria Ferreira, 33 a., c.; João Luiz de Faria, 35 a., s.; Maria da Conceição Goulart, 45 a., s.; José Francisco Marques, 30 a., s.; José Gonçalves de Medeiros, 60 a., c.; Pensiano Gomes de Sousa, 32 a., c.; José Henriques da Costa Sobrinho, 19 a., s.; 19 a., s.; Constança Messias de Allecant Moreira, 96 a., v.; José da Fonseca, 35 a., s.; Joaquim Apolinario de Azevedo, 70 a., c.; Ignacio José Pereira, 21 a., s.; Manoel Alves Ferreira, 36 a., c.; Manoel Pereira Furtado, 30 a., s.; Claudina de Jesus Lima, 77 a., v.; Vicencia Maria Nobrega, 66 a., v.; Antonio Pinto Soares, 67 a., s.; Celestina Augusta, 18 a., s.; Manoel Teixeira Chaves, 44 a., c.; Manoel Machado, 50 a., c.; José Pereira Pinto, 60 a., s.

Aviso aos bons estudantes e aos paes de familia.

Abre-se novamente no anno lectivo 1878-79 o Quartel de S. Luiz Gonzaga, na rua dos Chãos de Cima, n.º 22. Este quartel tem por fim offerecer aos bons paes de familia e aos bons estudantes uma casa onde possam viver christamente e no meio de bons companheiros. E' destinado exclusivamente aos estudantes que se destinam ao estado ecclesiastico e será vigiado principalmente pelo Director da Associação de S. Luiz Gonzaga, o sr. padre Meli e por outro padre que viverá no mesmo quartel. A pensão que n'elle se paga é a mesma que se costuma pagar nos quartéis mais baratos. Os estudantes d'este quartel hão de submeter-se a um regulamento do qual os pontos principaes são—ter bons costumes, recolher-se a casa a horas certas, resar em commum pela manhã e á noite, frequentar os Sacramentos, não incommodarem uns aos outros, já no tempo d'estudo, já fóra d'elle.

Não é necessario encarecer a importancia d'esta nova instituição, que serve para affastar os estudantes, que se dedicam ao estado ecclesiastico, da desmoralisação que costumam encontrar nos mais quartéis.

Quem quizer aproveitar-se d'este novo quartel poderá dirigir-se ao sr. padre João R. Meli, rua de S. Bernabé, n.º 16.

AGRADECIMENTOS

Maria da Graça Franqueira, e seu marido, Domingos Gonçalves da Silva, e Miguel José da Silva, todos d'esta cidade, veem por este meio, por o não poderem fazer pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que lhes fizeram o distincto obsequio de os cumprimentar e assistir aos officios funebres de seu pae e sogro Fran-

cisco José de Sousa Braga, que tiveram logar no dia 2 do corrente, na igreja de Santa Eulalia de Tenões, e por tudo se confessam summamente agradecidos. (998)

ANNUNCIOS

PARA COLLEGIO

No Conservatorio das Orfãs da Tammanca, em Braga, precisa-se d'uma regente com obrigação de ensinar instrucção primaria, e de uma mestra do lavor, tambem habilitada para o ensino primario, afim de poder substituir a primeira.

As senhoras que se acharem em circumstancias de exercer os referidos cargos, e os queiram occupar com residencia no estabelecimento, onde terão alimento e roupa lavada, além de ordenado, pódem dirigir-se ao secretario da commissão administradora, Custodio Mendes da Silva Braga, na mesma cidade, campo de D. Luiz I, n.º 40. (1004)

LES COLONIES PORTUGAISES

Court exposé de leur situation actuelle

Um volume de 136 paginas em 8.º grande. A' venda na Livraria Afra, Lisboa, rua do Ouro, n.ºs 180 e 182. Preço 500 rs.

PHARMACIA A. D. ALVIM

Tem deposito, das aguas mineraes do Gerez, em garrafas de 8/0 e vidros de 4/0; para collegas fornecem-se com abatimento razoavel.

Pomada sympathica, para destruir de prompto o pello da cara e mesmo cabelo em grande quantidade, sem causar damno algum.

AGUA DE LA REINA—Especifico por excellencia para tirar toda a qualidade de sardas e panno do rosto, seja qual fór a sua origem.

A FLOR DA MOCIDADE—Infallivel, para restabelecer aos cabellos e á barba a sua cor primitiva.

O vigor do Cabello de Ayer.

OLEO DA PERSIA para fazer nascer e grescer o cabelo, fortificando-lhe a raiz e dando-lhe a cor desejada.

Vendem-se os referidos preparados na pharmacia A. D. Alvim.

AGUAS MINERAES

Vendem-se na pharmacia de Antonio Domingues Alvim, na praça d'Alegria—de Vidago, Verim, d'Entre-os-Rios, de Seidlitz, das Caldas da Rainha, do Gerez, das Pedras Salgadas, de Cabeço de Vide, Alcalinos de Moura e de Vichy. (996-T)

VENDA DE TREM

Vende-se um com os competentes arreios, e 3 cavallos do mesmo trem.

Pódem vêr-se e tratar-se na rua do Souto n.º 55, d'esta cidade. (995)

Arrematação

Pelo tribunal do Commercio de primeira instancia n'esta cidade de Braga, de que é escrivão Freitas, no dia 28 do corrente mez de julho, pelas 10 horas da manhã, e na casa em que morou o fallido Agostinho José Pereira, negociante que foi na rua do Souto d'esta mesma, se tem de proceder á arrematação de todas as fazendas, moveis e roupas pertencentes á massa do dito fallido; quem as pertender póde comparecer no indicado dia, hora e local acima dito.

Braga 18 de julho de 1878.

O escrivão do commercio

(1003) José Firmino da Costa Freitas.

VENDEM-SE duas moradas de casas, uma na rua do Anjo, com os n.ºs 11 e 11 A, e outra na rua de D. Pedro, com o n.º 1; quem as pertender procure o dono n'esta todos os dias, (exceptuando os dias sanctificados), desde as 8 até ás 10 horas da manhã. (978)

Arrematação voluntaria.

Na rua de S. Marcos e casa da Assembleia Bracarense, ha para vender em hasta publica um magnifico piano vertical, de sete oitavas, da acreditada casa de Paris Maugeot Frères & C.ª, e quasi novo. Póde ser visto e experimentado todos os dias até 1 do proximo mez d'agosto, em que terá logar pelas doze horas do dia a arrematação na referida casa, e será entregue, quando convenha a quem maior lanço offerecer. (999)

AVISO IMPORTANTE

O gerente da Caixa Penhorista das Palhotas, previne as pessoas que alli tiverem penhores ha mais de 3, 4 e 5 mezes sem terem pago os juros, os queiram satisfazer até ao fim do corrente mez, do contrario mandar-se-hão vender, por se julgarem abandonados.

Braga, 19 de julho de 1878.

(1000)

M. J. P.

AOS SNRS. OURIVES

Na rua do Forno n.º 12, vendem-se cadinhos de primeira qualidade a 4 rs. o terno. (1001)

PEDIDO

A Meza da Santa Casa da Misericórdia, d'esta cidade, tendo em consideração a avultadissima despeza que está custando o fornecimento de pannos e fios para o curativo de feridas no Hospital de S. Marcos, empenha n'este acto de caridade a devoção de seus concidadãos.

O Escrivão

Lourenço da Costa Gonçalves Pereira Bernardes. (1002)

X

MALA REAL INGLEZA
GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS NA 3.ª CLASSE.

X

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.ª classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAM-
PINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do
Brasil, ao sul de Pernambuco, com trasbordo no Rio de Janeiro e incluindo hospedaria e sustento
gratuito durante a demora precisa para obter trasbordo.

Este paquete da Companhia Mala Real Ingleza sahirá de Lisboa

em 25 de Julho.

Para mais esclarecimentos dirijam-se ao sr. Guilherme C. Tait, no Porto, rua dos Ingle-

zes, 23. Em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

ALUGAM-SE as casas n.º 21, no Campo Novo do Reduto, nobres e com muitos commodos. Trata-se na casa immediata n.º 22. (981)

ARRENDAM-SE

Desde o proximo S. Miguel, tres moradas de casas de 2 andares, construidas de novo, com quintal e agua, na rua de S. Geraldo n.º 18, 20 e 22 Trata-se na mesma rua n.º 17. (943)

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1878.